



*Tânia Cristina Giachetti*  
*Ministério Seara Ágape*

<https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html>

# *As chaves do reino*



*Ministério Seara Ágape  
Ensino Bíblico Evangélico*

*Tânia Cristina Giachetti  
São Paulo – SP – Brasil – 2006*

*Agradeço ao Senhor pela Sua fidelidade e pela Sua constante companhia, suprimdo meu corpo, minha alma e meu espírito em todas as necessidades. Agradeço a Ele por me fazer conhecer e exercitar o amor, a fé e a esperança para conquistar meus sonhos.*

*Dedico a todos aqueles que, muitas vezes, pensam em desistir das suas bênçãos por não conseguirem manter dentro de si a força espiritual e a autoridade para expulsar as “raposas” da terra que Deus já lhes deu.*

*“Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4: 23).*

## Introdução

Como vai, prezado (a) leitor (a)?

Muito prazer em conhecê-lo (a).

Posso entrar em sua casa e lhe contar umas verdades que aprendi sobre chaves e propriedades? Só que não venho sozinha; estou trazendo mais três amigos que poderão testificar o que desejo lhe passar. Eu lhe apresento: Pai, Filho e Espírito Santo. Vamos entrar?

Este livro me veio como resposta a uma determinada dificuldade, quando, então, eu julgava que o que me faltava era fé. Entretanto, descobri que o que me faltava era a esperança. Ele surgiu logo após eu ter escrito “Incredulidade ou ousadia?”, onde o personagem em discussão era o apóstolo Tomé. Acabei descobrindo também a diferença entre fé e esperança, e o que é esperança do ponto de vista bíblico, ou seja, o enfoque espiritual que a bíblia dá ao assunto, diferentemente do que consideramos no sentido emocional. Embora eu coloque aqui na introdução o significado bíblico de esperança no que diz respeito à nossa salvação ser completada, isto é, na segunda vinda de Cristo, o livro, basicamente, vai falar sobre a esperança na promessa e no sonho de Deus para nós, abrangendo mais o nível emocional. Partimos da premissa de que já estamos certos da nossa salvação em Jesus e que teremos de esperar com paciência pelo tempo do fim. Não adianta nos preocuparmos com a Sua vinda se, como noiva, não nos prepararmos, cuidando da nossa santificação.

Hoje vamos falar sobre as “Chaves do Reino”.

Chave é símbolo de poder e autoridade, geralmente exercidos através da Palavra de Deus (Mt 16: 19: “Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus”). Dessa forma, profetizando a Palavra e fazendo bom uso dela nós abriremos no mundo espiritual o caminho para as nossas bênçãos e libertações. Entretanto, na mente, na área emocional (ou seja, na alma) e na material, precisamos fazer algo mais do que simplesmente falar; precisamos colocar em prática o que falamos e o que aprendemos com o Senhor para que nossas bênçãos não sejam roubadas. Aí entram as outras três chaves de importância para o nosso crescimento interior e para a conquista das nossas bênçãos e que são: a fé, a esperança e o amor, tão faladas em 1 Co 13: 13 por Paulo.

Como estaremos tratando mais especificamente da esperança, começaremos por descrever seu conceito do ponto de vista bíblico, ao mesmo tempo em que daremos uma ‘pinçada’ nas outras duas chaves: a fé e o amor. Depois entraremos no objetivo do livro que é despertar novamente a chama da esperança nos corações em que ela foi apagada, a fim de que as pessoas voltem a buscar seu sonho e acreditar nas promessas de Deus.

Esperança significa o ato de esperar o que se deseja, expectativa, espera. Isto é o que encontraremos no dicionário de língua portuguesa. Em grego, a palavra usada é *elpis* (ἐλπίς – Strong #g1680, que quer dizer: esperança, expectativa, confiança), como está escrito em Rm 8: 24: “Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, a esperança que se vê, não é esperança; pois o que alguém vê como o espera?” A bíblia considera algumas características como:

*1) Esperar pela promessa (vida eterna) pelo fato de termos um Deus fiel; em outras palavras, nossa salvação ser concluída.* A bíblia também diz que a esperança é a âncora da alma, o que significa dizer que é ela quem nos prende nos caminhos do Senhor, nos fazendo perseverar até a nossa morada nos céus. Os textos bíblicos são:

a) *Rm 12: 12*: “Regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes”.

b) *Rm 15: 4*: “Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança”.

c) *1 Co 15: 19*: “Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens”.

d) *2 Co 1: 9-10*: “Contudo, já que nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos, o qual nos livrou e livrará de tão grande morte; em quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos...”

e) *Ef 2: 12 cf. 1 Ts 4: 13*: “Naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel [*ele falava sobre os gentios*] e estranho às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo” ... “Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem [*para nós, os que já morreram*], para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança [*ainda não conhecem o que é vida eterna*]”.

f) *Cl 1: 5*: “... por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho,...”

g) *1 Ts 5: 8*: “Nós, porém, que somos do dia [*filhos da luz, em contraposição aos filhos das trevas*], sejamos sóbrios [*moderados, frugais, simples*], revestindo-nos da couraça da fé e do amor e tomando como capacete a esperança da salvação [*a mente tem a certeza de que a alma alcançou a salvação em Jesus e espera por ela, não permitindo que nenhuma dúvida venha roubá-la*]”.

h) *1 Tm 1: 1*: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, pelo mandato de Deus, nosso Salvador, e de Cristo Jesus, nossa esperança...” Aqui Paulo diz que Jesus é a nossa esperança, ou seja, Ele garante a nossa vida eterna e nos ajuda a esperar pelo fim dos tempos.

i) *Hb 6: 13-20*: “Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo, dizendo: certamente, te abençoarei e te multiplicarei. E assim, depois de esperar com paciência, obteve Abraão a promessa. Pois os homens juram pelo que lhes é superior, e o juramento, servindo de garantia, para eles, é o fim de toda contenda. Por isso, Deus, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito, se interpôs com juramento, para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta; a qual temos por âncora da alma, segura e firme e que penetra além do véu, onde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (*Gn 14: 18-20*). O véu separava o “Santo dos Santos”, onde estava a arca da Aliança, símbolo da presença de Deus com os homens, do “Lugar Santo” do Tabernáculo, onde os sacerdotes entravam para officiar todos os dias ao Senhor – *Lv 16: 2*. No “Santo dos Santos” entrava apenas o sumo sacerdote uma vez por ano. Para nós, cristãos, o véu simboliza a separação entre Deus e os homens, assim como a carne de Jesus que foi rasgada na cruz para quebrar essa separação (*Hb 10: 19-20; Hb 9: 11-12*); o “Lugar Santo” corresponde à nossa alma e o “Santo dos Santos, ao nosso espírito em contato direto com Deus.

j) *Hb 13: 14*: “Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos [*esperamos*] a que há de vir” [*a nova Jerusalém*].

k) *1 Pe 1: 13*: “Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios [*moderados, frugais, simples*] e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo”.

2) *A esperança é inseparável da fé em Deus e está associada com paciência e perseverança:*

a) *Rm 4: 16-22*: “Essa é a razão por que [a realização da promessa, ele quer dizer] provém da fé, para que seja segundo a graça, a fim de que seja firme a promessa para toda a descendência, não somente ao que está no regime da lei, mas também ao que é da fé que teve Abraão (porque Abraão é pai de todos nós, como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí), perante aquele no qual creu, o Deus que vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem. Abraão, esperando contra a esperança, creu, para vir a ser pai de muitas nações, segundo lhe fora dito: Assim será a sua descendência. E, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara, não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que era poderoso para cumprir o que prometera. Pelo que isso lhe foi imputado para justiça”.

b) *Rm 10: 13-15*: “Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em que não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam boas novas”.

c) *Rm 10: 17*: “A fé vem pela pregação [pelo ouvir], e a pregação, [o ouvir], pela palavra de Deus”.

d) *1 Co 9: 10*: “Ou , seguramente, por nós que ele o diz? Certo que é por nós que está escrito; pois o que lavra cumpre fazê-lo com esperança; o que pisa o trigo faça-o na esperança de receber a parte que lhe é devida”.

e) *1 Co 13: 13*: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor”.

f) *Gl 5: 5*: “Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé”.

g) *1 Ts 1: 3*: “... recordando-nos, diante de nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo”.

h) *1 Ts 5: 8*: “Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios [moderados, frugais, simples], revestindo-nos da couraça da fé e do amor e tomando como capacete a esperança da salvação”.

i) *Hb 6: 10-12*: “Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos. Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando, até ao fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança; para que não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdaram as promessas”.

j) *Hb 11: 1*: “fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem”.

k) *1 Pe 1: 21*: “que, por meio dele [Cristo], tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus”.

3) *Também associada ao amor, além da fé (já mencionada):*

a) *Rm 5: 5*: “Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado [concedido]”.

b) Em *1 Co 13: 1-13*, Paulo começa dizendo que o amor é o dom supremo, como que explicando o último versículo do capítulo 12 onde fala: “Entretanto, procurai com zelo os melhores dons”. Aí então escreve: *O amor é o dom supremo*: “E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente. Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze [sino, NVI] que soa ou



como o címbalo [por alguns, considerado um antigo instrumento de cordas; por outros, um instrumento antigo constituído por dois meios globos (como pratos de música) que se percutiam um contra o outro] que retine [ressoar, produzir grande som]. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará. O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino. Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor”.

Ao prestarmos atenção à palavra escrita em *Hebreus 11: 1* nós podemos concluir que fé é algo espiritual, não uma coisa criada, movida ou desenvolvida através da racionalidade, porém, uma força motriz que vem do espírito, aparentemente sem explicação, para que possamos agir em concordância com ela e obtermos os objetivos a que nos propomos. Em outras palavras, ela é o combustível para que a palavra de Deus na nossa boca possa atingir o alvo por nós desejado e trazer à existência as coisas que não existem. Outra observação importante a respeito de fé: ela é desenvolvida através das experiências práticas da nossa vida, que nos levam a galgar patamares cada vez maiores de crescimento espiritual e intimidade com Deus; portanto, baseados nas experiências e vitórias passadas, ao colocar em prática a nossa fé nós podemos superar desafios maiores e, assim, aumentar a nossa medida dela. A bíblia também diz que a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Deus; em outras traduções: “a fé vem pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Deus” (*Rm 10: 17*). Isso quer dizer que pela Sua palavra, o Senhor envia Seus profetas para que o povo a ouça e possa crer nEle (*Rm 10: 13-15*), como lemos acima.

A esperança, como vimos, significa o ato de ‘esperar o que se deseja’, ‘expectativa’, ‘espera’, até para as coisas mais simples como o fruto da lavoura ou o salário pelo trabalho (*1 Co 9: 10*). Indo um pouco mais além no nosso raciocínio, podemos dizer que esperança (em português) bem poderia ser traduzida pela expressão: esperar com confiança. Isso nos faz pensar que, enquanto a fé parece estar relacionada mais ao espírito, a esperança se relaciona mais diretamente à alma, pois esperar com confiança seria o resultado de crermos no amor de Deus por nós, de exercitá-lo com o nosso semelhante e de esperar por aquilo que se tem certeza, mas ainda não se vê, que é a fé do nosso espírito na Palavra e na promessa divina (“Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, a esperança que se vê, não é esperança; pois o que alguém vê como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos” – *Rm 8: 24-25*). O fator que entra em jogo aqui é o tempo, tanto o humano quanto o divino, por isso, quando nossa promessa demora muito a chegar, a alma, que vê o tempo cronológico, se impacienta e, muitas vezes, briga com o Espírito (o Espírito Santo), que vê o tempo de Deus. Por isso, nossa fé na Palavra e na promessa, a certeza do amor de Deus por nós e da Sua fidelidade ao que nos promete, assim como nossa confiança

incondicional nEle, são os pilares que nos manterão de pé até se materializar o que esperamos. Por sua conexão com o amor, a esperança está liberta de todo o egoísmo. Quem a tem não espera por uma bênção para si mesmo apenas, mas por algo que possa dividir com outros. Quem ama espera que seus semelhantes sejam recebedores das coisas boas de Deus, assim como lhe foram dadas, ainda mais em se tratando da Salvação da alma (*Rm 8: 18-23*: “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção para a liberdade da glória de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo”).

Para completar nosso raciocínio, é interessante comentar o significado de *esperança* no Antigo Testamento. A palavra mais freqüentemente traduzida como ‘espera’ no sentido de *esperar no Senhor* é a palavra hebraica *qavah* ou *kavah*, que tem os seguintes significados: (1) *unir* (talvez por torcer fios como na tomada de uma corda), *se agarrar*, *se pendurar* (2) *procurar com paciência*; (3) *demorar ou esperar*. A segunda palavra é *tiqwah* ou *tikvah* – ‘*esperança, aguardar, procurar avidamente, aguardar ansiosamente, expectativa*’. A terceira palavra é *miqweh*. Os substantivos *miqweh* e *tiqwah* são palavras oriundas da raiz *qwh*, ‘*esperar, aguardar ansiosamente*’. Outra palavra freqüentemente traduzida como *esperar* é *yachal*. *Yachal* significa *esperar* ou *esperança, esperar com expectativa*, às vezes traduzida como *confiança*. A última palavra para *espera* é *chakah*, ‘*demorar, tardar ou ansiar*’. Vamos ver alguns exemplos bíblicos:

- 1) *Qavah*: *Sl 25: 3; Sl 27: 14; Sl 37: 9; Sl 69: 6; Is 40: 31*
- 2) *Tiqwah* ou *tikvah*: *Sl 9: 18; Sl 62: 5; Sl 71: 5; Is 49: 23; Jr 31: 17*
- 3) *Miqweh*: *Jr 14: 8; Jr 17: 13; Jr 50: 7*
- 4) *Yachal*: *Sl 33: 18*
- 5) *Chakah*: *Sl 33: 20; Sl 37: 7; Sl 106: 13; Is 30: 18*

Assim, podemos ver que, além de significar um tempo de ‘esperar com paciência, esperar com expectativa, aguardar, procurar avidamente, aguardar ansiosamente’, a palavra *esperança* também tem o significado de se agarrar, se pendurar. Segundo este pensamento, a *esperança* é algo que nos leva a nos agarrar ou nos pendurar no Senhor e na Sua promessa para que Ele nos eleve até os lugares de honra e vitória.

Agora que sabemos o que é *esperança*, vamos entrar em outro assunto, que é o ‘roubo espiritual’ dessas três ‘chaves’ por demônios que usam pessoas para minar o projeto do Senhor para nós, aproveitando os momentos de fraqueza da nossa alma ou do nosso espírito ou se valendo da nossa falta de vigilância.

Então, passemos a algumas informações sobre certas palavras usadas na bíblia, assim como o nome de alguns animais e que têm uma simbologia interessante para a nossa narração:

1) *Raposa*: é símbolo de experiência, astúcia, sagacidade, perspicácia, sutileza de espírito e malícia. Jesus chamou Herodes de *raposa* (*Lc 13: 31-32*), pois conhecia suas intenções em relação a Ele. *Raposas* também simbolizam demônios que escavam as feridas emocionais. A raposa é da mesma família do cão e do chacal (este anda em matilhas; provavelmente, foi neles que Sansão ateou fogo à cauda em *Jz 15: 4*). Os termos usados em hebraico, *shu’âl*, e em grego, *alôpex*, incluem tanto a raposa como o chacal. Elas comem frutas e outros vegetais, incluindo uvas. As raposas e as raposinhas

costumam cavoucar ao redor das videiras em flor (*Ct 2: 15*); isso significa, igualmente, coisas pequenas e insignificantes (neste texto de Cânticos) que podiam infiltrar-se num belo relacionamento conjugal, corroendo-o até que a videira do amor caísse arruinada. A esposa queria que essas pequenas coisas fossem apanhadas antes de provocarem danos graves. No relacionamento entre Deus e Sua noiva ocorre a mesma coisa, quando as obras da carne, que parecem insignificantes, de repente se tornam uma triste rotina, minando o amor e destruindo tudo o que demorou tanto tempo para ser construído. Por isso devemos estar alertas para permanecer com o fogo do Espírito aceso, nos incentivando a buscar a presença do Senhor todos os dias e a cuidar desse relacionamento amoroso como se cuida do cônjuge. Neste livro, será usada como símbolo de astúcia, sagacidade, perspicácia, sutileza de espírito e malícia que, instigadas por demônios, usam as pessoas mais próximas para destruir o amor, a fé e a esperança na promessa e no sonho de Deus.

2) *Leão* simboliza realeza, poder, autoridade, força, ação de poderes espirituais sobre nós. Aqui será a figura de Jesus, o Leão de Judá, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, Aquele que está acima de todo principado e potestade [*“Eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu”... (Ap 5: 5 b)*] e que destruirá as raposas que roubaram os presentes e as promessas da nossa heroína.

3) *Cavalo* (*Dt 17: 14-28 – a escolha de um rei*) simboliza a força humana (‘a força do braço’), assim como guerra, pressa e atitudes diante do nosso próximo. A Palavra também diz: “Não faz caso da força do cavalo, nem se compraz nos músculos do guerreiro. Agrada-se o Senhor dos que o temem e dos que esperam na sua misericórdia” – *Sl 147: 10-11*... “Uns confiam em carros, outros, em cavalos; nós, porém, nos gloriaremos em o nome do Senhor, nosso Deus” – *Sl 20: 7*.

4) *Relógio* é símbolo do tempo, tanto do nosso tempo humano quanto do de Deus e que, logicamente, trabalha em nós a esperança, a perseverança, a fé, a confiança e a paz interior.

5) *Portas* geralmente são símbolos da autoridade que temos que exercer contra o avanço do inimigo sobre a nossa alma; também são símbolo da proteção divina (“Pois ele reforçou as trancas das tuas portas e abençoou teus filhos, dentro de ti; estabeleceu paz nas tuas fronteiras e te farta com o melhor do trigo” – *Sl 147:13-14*), assim como novas oportunidades dadas por Ele para conhecermos mais o que está reservado para nós, por exemplo, o Seu reino (“então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” – *Mt 25: 34*... “Levantai, ó portas as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória” – *Sl 24: 9*).

6) *‘Chaves’*, como foi dito no início, são símbolo de poder, autoridade e governo: “Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá” – *Ap 3: 7 b*... “Porei sobre o seu ombro a chave da casa de Davi; ele abrirá, e ninguém fechará, fechará, e ninguém abrirá” [*promessa a respeito do Messias*] – *Is 22: 22*.

Este livro é uma alegoria sobre as três chaves já mencionadas (a fé, a esperança e o amor) que foram concedidas por Deus como um presente para nossa heroína, mas que, pelas experiências ruins e constantes do passado, aliadas ao descuido de sua parte e por más intenções de outros, foram roubadas pelas raposas. Então, para reconquistar sua bênção que a fará abrir a porta para a promessa divina, ela terá que passar por uma prova, a fim de aprender a vigiar, saber lidar com o tempo, cuidar dos tesouros recebidos, usar o poder e a autoridade dados pelo Senhor e, assim, tomar posse da sua ‘terra prometida’.

O nome da heroína é *Isabel* (em hebraico, *ʿlišebba*, *Elisheva*, que significa *Deus é meu juramento, o Deus que faz pacto, meu Deus jurou*). Ao seu lado estará um leão, aqui a figura de Jesus, o *Leão da tribo de Judá*, que a fará vencer e derrotar as raposas. Seu nome será *Judá* (em hebraico, *Yhüdâ*, que significa *louvado, celebrado, festejado em louvor (ydh) ao Senhor*).

Quando pedi ao Espírito o nome para a nossa heroína, Ele falou 'Isabel' e aí fiquei pensando no exemplo de Isabel, esposa de Zacarias e mãe de João Batista, que era idosa e estéril, porém, foi agraciada com a bênção de ver o seu sonho (ter um filho) realizado. Ela, provavelmente, não tinha mais *esperança* na sua alma, pois o tempo de gerar havia terminado para ela, tampouco fé, pois na verdade, havia pedido ao Senhor um filho, mas só naquele momento de visitação do anjo Gabriel a Zacarias   que recebeu a promessa (*Lc 1: 13*). Aí, sim, sua fé foi exercitada e sua esperança reavivada. Sua esterilidade se transformou em fertilidade, não são gerando fisicamente um filho, como fazendo dela uma pessoa espiritual e emocionalmente produtiva, sendo um testemunho vivo do poder de Deus entre o Seu povo.

Espero que o Espírito Santo seja o seu companheiro nessa viagem e lhe revele Seus segredos, a fim de que os sonhos e as promessas de Deus para você se tornem reais e jamais voltem a ser roubados. Que as experiências ruins do passado que minaram sua fé, o amor e a esperança sejam removidas da sua alma e haja um *“Novo Tempo”* para você.

Amo você em Jesus.

Tânia Cristina

*Um presente de amor*



Isabel estava pensativa naquela manhã. Acordara cedo para varrer a casa antes de ir para a seara, onde o seu senhor a empregara temporariamente durante a ceifa de trigo. Ela era mulher jovem sem família, por isso tinha que conseguir sozinha seu sustento. Não tinha o que reclamar, afinal, Deus a amparara todos esses anos e, embora não fosse rica, o alimento nunca lhe faltou. Entretanto, ela se sentia diferente nesse dia. Fazia algum tempo que ela vinha pensando no seu futuro e em algo mais importante do que apenas a provisão material. Parecia faltar um ‘sabor’ à sua existência. Desde pequena teve uma vida difícil, de muito trabalho e responsabilidade por causa de certos problemas familiares que enfrentara; não queria se lembrar deles agora, mas de qualquer coisa que pudesse lhe dar um incentivo para continuar sua jornada.

— Que vida! Que desânimo! Não sei de onde vem tanta poeira. Tem areia para varrer todo dia; se eu não varrer, minha casa vai se parecer com o deserto lá fora: poucas palmeiras ao longe, o poço de água a mais ou menos dez minutos de caminhada... É, Belinha! Ande logo antes que chegue atrasada para a colheita e perca seu salário do dia. Depois que voltar, você sonha de novo.

— Isabel!

— Que foi, senhora Noemi?

— Ande, menina! Está em cima da hora para o trabalho. Desse jeito vai perder o salário. Dê glória a Deus por ter uma vizinha como eu, que cuida de você como se fosse sua mãe. Já trancou a casa?

— Já, senhora, pode ficar sossegada. Já estou indo. Até à tarde.

Isabel saiu correndo. Realmente a velha senhora tinha razão; seus devaneios a fizeram se atrasar, mas conseguiu chegar a tempo de não ser vista nem repreendida pelo patrão. O sol estava quente e ela se abaixou para colocar os ramos em gavelas.

*“Que nome esquisito! Por que dão o nome de gavelas aos feixes de trigo? Se alguém não souber o que é, vai pensar outra coisa. Ai! Que sol escaldante!”...*

O dia passou rápido e já era quase noite quando chegou a casa. Noemi estava no alpendre esperando por ela com um pacote nas mãos.

— Querida, deixaram isso para você.

— Quem deixou?

— Não sei bem. Não pude ver seu rosto por trás do turbante, mas parecia um mensageiro. Veio montado sobre um camelo e me disse que seu senhor estava lhe enviando esta encomenda. Tome, divirta-se. Está tarde, vou fazer o jantar e dormir. Minha família está faminta. Boa noite, Isabel.

— Boa noite, D. Noemi. Obrigada por guardar a encomenda para mim.

Isabel subiu correndo os degraus de pedra e abriu a porta de casa. Fechou-a logo atrás de si e correu até a cama, colocando o pacote sobre o colchão para ver do que se tratava. Abriu-o e ficou surpresa. Havia um pergaminho enrolado e uma caixa de madeira como um cofre. O que abriria primeiro? Pensou bem e desenrolou o pergaminho. Deu um grito de susto. O que estava lendo mesmo? Aquilo era real? Sim, era uma escritura passada em seu nome e que lhe dava direito a uma grande porção de terra...



... Mas não havia assinatura de quem escrevera aquilo, apenas um lacre. Ela não o conhecia. De quem seria? Por que seu benfeitor não assinara, afinal? Como ela poderia lhe agradecer?...



... Ela leu com cautela todas as linhas e ficou conhecendo a localização correta do lugar. Parecia um sonho. A propriedade estava localizada não numa terra seca e estéril, mas numa planície fértil com muitas fontes de água e bastante vegetação. Ela já havia passado por lá, todavia, jamais pensou que um dia aquele 'Éden' poderia ser seu. Além disso, a terra era propícia a várias culturas, não apenas trigo, mas uvas, figueiras, tamareiras, cevada, milho e outras.

*“Belinha! Você é agora uma proprietária, uma fazendeira, não mais uma empregada temporária. Ei! Tem mais!... Abra a caixa logo. Veja! São três chaves de ouro. O que significam?”*



Havia um bilhete dentro e uma figura onde se viam as muralhas da sua propriedade e um portão. O bilhete dizia: *“No final deste caminho há um portão e o que tem do outro lado eu te darei a conhecer quando tu tiveres a ousadia de usar a chave que te dei para abri-lo. Mesmo que o inimigo tenha podado tuas chances de avançar ou crescer, tuas raízes não foram arrancadas e tua determinação não foi tocada. Ergue, pois, tua cabeça, e toma nas mãos a chave da vitória. O que parecia ameaçador ou um engano já não existe e teus olhos verão a verdade do que reservei para ti. Não tenhas medo de arriscar e romper para o novo. Tu conhecerás o que é realização”*.

Ela se aquietou e procurou meditar no que estava lendo. Era parecido com uma história que lera há muitos anos...

... um povo escravizado... um clamor ao céu...  
 O Senhor enviando um libertador para livrá-lo  
 do cativeiro... a promessa de uma terra que  
 manava leite e mel... a libertação... a prova de  
 fé na promessa... então, a conquista dela...  
 Centenas de anos depois, uma jovem  
 estrangeira se casa com um senhor rico, dono  
 de uma grande seara... e se torna a ‘dona do  
 campo’... Belinha! Você, uma ‘princesa’...  
 honrada!...





*“Belinha! Já sei! Foi nas Escrituras Sagradas que você leu isso, lembra-se? Agora está claro... O Senhor está nos dando esse presente e nos revelando a maneira de conquistar nossa propriedade... Olhe só! É o brasão de uma das doze tribos que está selando a escritura que recebemos, o brasão da tribo de Judá... Oh! Senhor, obrigada. Amanhã vou até lá. Boa noite!”*



Pobre Isabel! Não compreendia muito bem o que estava recebendo. Ela não havia pensado sobre o vazio da sua existência? Não tinha pedido um estímulo que a fizesse viver uma vida útil e frutífera? Recebera três chaves, mas sua alma não alcançara o significado profundo disso. Todos ali na aldeia a conheciam há bastante tempo. O que pensariam sobre essa situação? Ela colocou as três chaves na caixa e se deitou. Logo pegou no sono.

Ela não percebeu que tinha deixado a caixa aberta, sem cadeado. Então, de noite, enquanto dormia profundamente, as raposinhas vieram e roubaram as chaves. Sem elas, a escritura não tinha valor porque Isabel não poderia entrar pelos portões da sua

propriedade. Era isso que as raposas faziam com todos aqueles que não vigiavam corretamente seus pertences ou não davam o valor devido a eles. Elas vinham e levavam o que lhes era precioso, além do que cavoucavam ao redor do que estava plantado, destruindo a possibilidade de renascer a plantação. Os frutos tão esperados não vingavam, a esperança morria, a fé em Deus minguava, o amor com que a obra fora feita desaparecia e nada mais tinha sentido. Assim, se instalava a destruição. Dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano de tentativas e fracassos deixavam aquelas vidas marcadas e elas não poderiam mais esperar por nada de bom. A chama do Espírito se apagava dos seus corações. As raposas sabiam as estratégias; eram astuciosas, manhosas, sagazes, tinham muita experiência no assunto, por isso, na maioria das vezes, saíam vitoriosas. Porém, dessa vez elas tinham tocado na pessoa errada e na escritura errada. Teriam uma surpresa que jamais se esqueceriam e ‘provariam do seu próprio veneno’.



Elas saíram correndo e esconderam as chaves. Não perceberam que estavam sendo vigiadas.



Isabel acordou e demorou um pouco para se lembrar do que havia acontecido no dia anterior. Olhou a escritura e a caixa, mas logo se assustou e não custou muito para que o choro e a tristeza viessem à sua alma. As chaves tinham sumido. Como? Ela tinha

dormido e deixara o cofre aberto; foi isso que aconteceu. Sua inconsciência lhe custara muito caro dessa vez. Agora, tinha a noção do que estava buscando todos aqueles anos: o entendimento necessário para que sua existência passasse a ter um sentido. Reclamara tanto da escassez e da miséria, mas quando o suprimento bateu à porta, não teve sabedoria nem prudência para guardá-lo. Isso era verdade. Não tinha maturidade nem sabedoria para governar a si mesma, sequer para guardar três simples chaves. A sensação de vazio se tornou maior e ela saiu chorando para o deserto com a sua escritura nas mãos. Precisava ficar longe de conhecidos para poder pensar melhor. Então, olhou para as montanhas e se assustou. Um leão a observava e logo começou a se mover em sua direção. O que ela faria? Não havia para onde correr nem onde se esconder. Era estranho! Ele não corria de maneira faminta para ela como se buscasse devorar a presa, mas caminhava devagar, passo a passo, como se temesse traumatizá-la. Ele chegou bem perto e olhou para ela. Isabel viu algo em seus olhos que a aquietou, ao mesmo tempo em que aguçou sua curiosidade. Então, ele falou:

— Isabel! Você quer recuperar o que lhe foi roubado?

— Você fala?

— Sim, mas poucos são capazes de me entender. Eu vim para dar testemunho da verdade; apenas os que são da verdade ouvem a minha voz.

— Você pode compreender o que estou sentindo?

— Claro! Eu a tenho observado todos esses anos e esperei pelo momento certo de lhe contar alguns segredos. Venha, vamos caminhar.

— Para onde?

— Para sua terra prometida.

— E as raposas?

— Eu as destruí. Sei onde esconderam as chaves e vou levá-la a conquistar cada uma delas. Assim, quando você tiver as três em suas mãos, aí eu a levarei à sua propriedade.

— Isso parece um treinamento...

— Exatamente! Mas não tenha medo, eu a acompanharei.

— A propósito, como se chama?

— Judá.

*Amor*



Eles começaram a caminhar e, de repente, a paisagem mudou. Estavam andando por um caminho que Isabel jamais vira antes. Chegaram a um ponto onde a estrada se dividia em três. Para que lado ir?

— Começa agora o seu treinamento, Isabel.

— O que significa isso?

— Você vai conquistar a primeira chave. Elas têm um nome, sabe? Apenas as três juntas poderão abrir o portão da sua propriedade. A primeira se chama *amor*.

— E como faremos?

— Primeiro observe com os olhos do espírito o que cada estrada lhe propõe. Depois, eu vou lhe dizer algumas palavras. De posse delas e da visão que tiver, poderá escolher o caminho. Exerça seu livre-arbítrio. A partir de agora, você vai começar a crescer e entender muitas coisas.

— E se eu errar na minha escolha?

— Não tema, porque eu estou com você; não se assombre... eu a fortaleço, e a ajudo, e a sustento com a minha destra fiel. Vamos! Agora, concentre-se e me diga o que vê.

— O caminho da esquerda mostra um espinheiro, o do meio, muitos doces e o da direita, um jardim florido. Que enigma!

— Calma, não se desespere. Ouça as minhas palavras com o coração, depois decida e eu a acompanharei.

— Fale; estou ouvindo.

— Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará. O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba...

— Hum! Pode parecer estranho a você, Judá, mas o impulso que sinto no meu coração me faz escolher o caminho da esquerda. Não parece lógico, mas é por ele que vou caminhar.



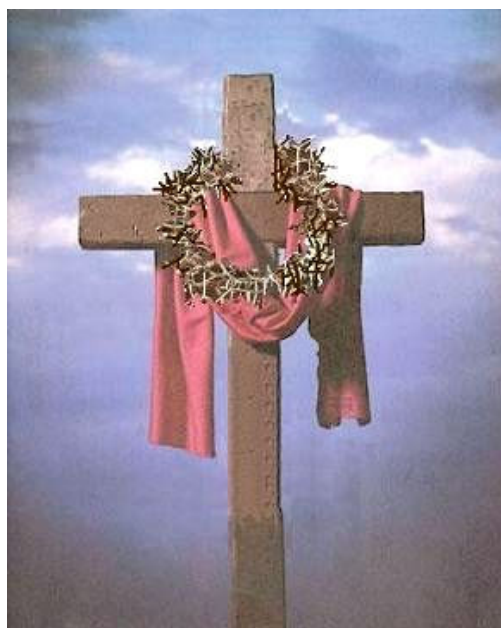
Eles se moveram e Isabel viu os espinheiros ao seu redor. Tinha que andar com cuidado para não se ferir com os espinhos. Que estranho! À medida que caminhava se

lembrava de muitas pessoas que amara, mas, infelizmente, haviam-na rejeitado e desprezado. Pareciam os espinheiros que estavam à sua volta. Ela começou a perceber que não adiantava fugir, pois para todo lado que se voltasse, a presença deles estaria ali. Ouviu um arbusto dizer: — ‘O amor é paciente’. Então, era como se uma determinada pessoa estivesse cobrando dela a paciência, como um ‘enviado do diabo’ para ‘sugá-la’ do amor e da paciência que ela tinha com os outros. Foi quando ela disse: — ‘O Senhor te ama’. Quando falou isso, o arbusto desapareceu de sua frente. O próximo lhe trouxe à mente outro conhecido que lhe dizia: — ‘O amor é benigno’. Ela fez o mesmo que havia feito com o anterior e mais esse arbusto desapareceu diante dos seus olhos. Os próximos repetiam as palavras que Judá lhe havia falado: ‘o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade’. Após as nove provas, ela olhou para Judá e ele sorriu para ela. Não havia mais espinhos no seu caminho. Tudo ao redor estava claro, e à sua frente ela viu uma cruz vazia, apenas com um manto avermelhado e uma coroa de espinhos no topo. Judá completou a prova:

— O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba.

— Ah! Agora entendo. Só *UM* poderia levar sobre si todos os nossos espinhos e mostrar o que é o verdadeiro amor.

— Vamos, aproxime-se.



Ela se achegou à base da cruz e ouviu uma voz que dizia:

— Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos. Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas vos tenho chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer. Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda. Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros.

— Isabel! Olhe para baixo.

Ela obedeceu e se alegrou. A primeira chave estava lá e era toda sua. Ela a pegou e a guardou com carinho em suas vestes. Agora se sentia diferente, mais forte, mais experiente e mais amada. E o amor que sentia vinha daquela cruz. Ela já o presenciara antes... onde? Aí se lembrou que foi o amor que viu nos olhos de Judá quando se encontraram no deserto.



— Parabéns, Isabel. Você passou pela primeira prova.

— O que faremos agora?

— É só ir em frente.

*Fé*





A conhecida estrada se abriu diante deles e, mais adiante, mostrou novamente uma divisão; era uma nova escolha a ser feita.

— O que vê agora, Isabel?

— À esquerda eu vejo um deserto, no centro o mar e à direita, uma planície fértil. Está bem! Já entendi. Fale a palavra que me levará à segunda chave.

— A segunda chave é a da *fé* e a palavra que a fará escolher o caminho é: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei... abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem... se fores para a esquerda, irei para a direita; se fores para a direita, irei para a esquerda.

— Judá! Que coisa esquisita! Por que o impulso do meu interior me leva mais uma vez a escolher, aparentemente, o caminho mais difícil?

— O que você chama de difícil?

— Ora! Você não percebe? A escritura que eu recebi me mostrava uma terra produtiva e abundante em tudo, mas vejo minhas próprias pegadas na areia do deserto.

— Pois, então, é para lá que você deve se dirigir.



Eles caminharam e um vento quente começou a soprar até se transformar numa verdadeira tempestade de areia. Isso pareceu cegar nossa heroína a ponto de lhe trazer dúvidas sobre o que estava buscando. Não tinha mais certeza de que conseguiria sobreviver ali, muito menos se o papel que trazia nas mãos era verdadeiro. Será que poderia acreditar no que estava escrito ali? Parecia mais uma fantasia. Deveria acreditar tão cegamente na palavra que Judá falara? Perdeu a noção de direção e não sabia mais para que lado ia, se para o norte, para o sul, para o leste ou para o oeste; não havia possibilidade alguma de voltar à estrada principal. No auge do seu desespero a tempestade de areia cessou e Isabel pôde ver um oásis à sua frente. Era real ou uma miragem?

— Tenha calma, Isabel; apenas siga em frente.

Ela andou devagar como que atordoada. Além disso, sentia muito calor e muita sede. Sim, havia um pequeno manancial ali e ela se refrescou. Ao se sentar, sentiu algo tocando sua mão e percebeu se tratar de um escorpião. Enquanto decidia o que fazer com ele, notou outra presença desagradável do outro lado do seu corpo: uma pequena serpente do deserto, do tipo que se move lateralmente com rapidez e precisão e, quando decide picar a presa, dá um bote certo introduzindo seu veneno. Sua única segurança era a presença de Judá com ela. Então os dois intrusos recuaram, mas começaram a falar. As palavras eram desconexas e desanimadoras, colocando sua fé em jogo. Ela

também se lembrava de costumes antigos de sua família e que agora precisavam ser deixados, a fim de fazê-la conquistar a segunda chave. Era impossível sair vencedora depois de tanta luta! Eles falavam e ela retrucava da maneira que podia, tentando manter intacta a sua certeza na promessa. Parecia um grande duelo de espadas, onde o que estava em jogo era sua própria vida. Ela havia desistido de tudo que antes conhecia para conquistar seu sonho; agora, era matar ou morrer. Então, se lembrou da cruz que vira e colocou a mão em seu bolso, sentindo a primeira chave. Foi então que ‘brandiu sua espada’:

— Porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas. Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus.

A serpente e o escorpião morreram e ela se recostou na palmeira para recuperar o fôlego. Olhou para Judá, que sorria como que feliz pela sua vitória. Eles se levantaram e continuaram em frente até que Isabel avistou ao longe uma sarça. O pequeno arbusto estava seco e com aparência insignificante, como tudo ali no deserto. Enquanto se dirigia à sarça, via raposinhas mortas pelo caminho. Ao chegar perto da sarça, a mesma voz que lhe falara na cruz soou aos seus ouvidos:

— Tira as sandálias dos pés, pois o lugar em que estás é terra santa. Sê forte e corajosa. Não to mandei eu? Sê forte e corajosa, pois serei contigo por onde quer que andares. Ninguém te poderá resistir todos os dias de tua vida... O meu justo viverá pela fé.



Ela sentiu a presença terna e poderosa que havia sentido na cruz e olhou para o tronco da sarça. A segunda chave estava ali. Isabel a conquistara, assim como a santidade e a revelação divina que precisava para poder caminhar.



— Pronta para seguir?

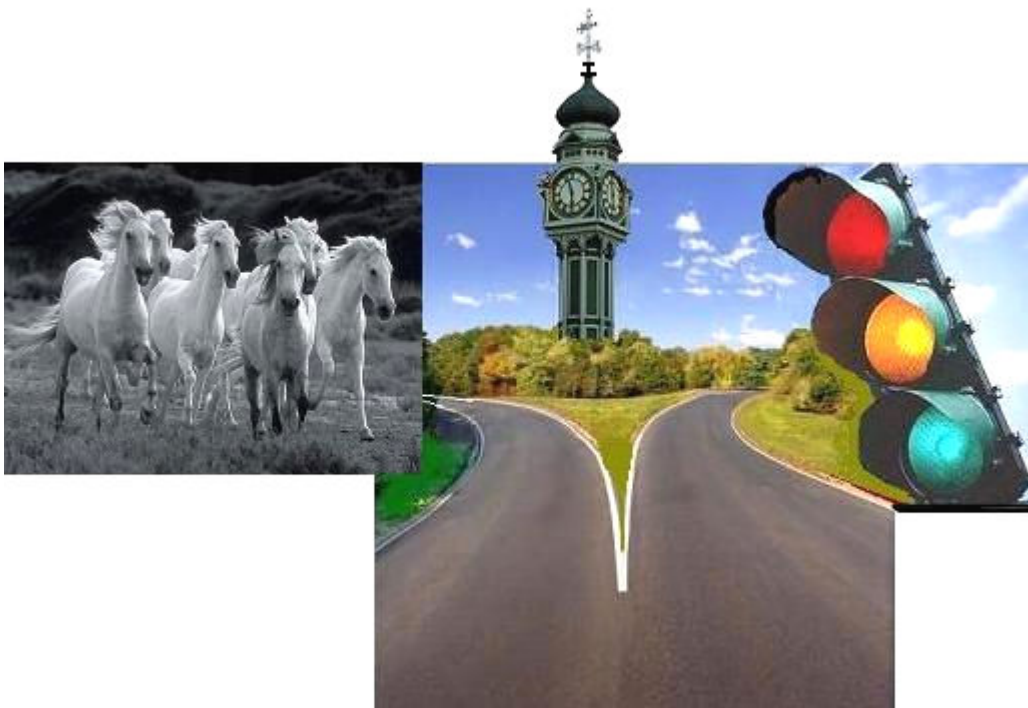
— Com certeza! Mas estou um pouco cansada com tudo o que passei até agora. Meu corpo todo dói, como se eu tivesse guerreado com muitos gigantes.

— Não se preocupe, eu sou o Senhor que te sara.

Era a voz que emanava da sarça e a atingia como um bálsamo.

— Muito obrigada. Até logo.

*Esperança*



Retornaram à estrada a que estavam acostumados e, logo adiante, mais uma divisão se via nela. À esquerda, muitos cavalos corriam velozmente na direção de Isabel e Judá. No centro, um grande relógio se erguia imponente como uma torre; e à direita, um semáforo com as três luzes acesas. A voz de Judá chegou aos ouvidos de Isabel:

— Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu. Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até o fim... pois há tempo para todo propósito e para toda obra. Quem guarda o mandamento não experimenta nenhum mal e o coração do sábio conhece o tempo e o modo. Porque para todo o propósito há tempo e modo... Não faz caso da força do cavalo, nem se compraz nos músculos do guerreiro. Agrada-se o Senhor dos que o temem e dos que esperam na sua misericórdia... Ora, a esperança não confunde.

— Isabel, esta é a terceira chave, a *esperança*. Escolha o caminho.

— Dessa vez escolho o caminho do meio.

— Está bem, vamos lá!

Que coisa interessante estava acontecendo! Isabel não tinha certeza, mas parecia que o tempo parara. Perdera a noção do tempo. Ela não sabia dizer se a escritura que trazia nas mãos lhe fora dada muito tempo atrás ou se havia acabado de recebê-la. Ela olhou para Judá sem saber o que fazer; a única coisa que conseguia perceber eram os sentimentos do seu coração. Sentia-se cansada com tudo o que vivera até ali. Seria por isso que o desânimo começava a atingir sua alma? Parecia que as experiências de vida começavam a vir à luz como uma forma de lhe dizer que a esperança tinha morrido e que, apesar do amor e da fé no seu coração, o tempo continuaria a ser um grande inimigo para ela.



Quando chegaria o seu tempo de ser feliz e realizar o seu sonho? A fé que fora implantada no seu espírito lhe dava a certeza de que nada seria impossível; a promessa ainda estava de pé. Entretanto, sua alma não podia mais se lembrar da última vez que se alegrara com júbilo verdadeiro. Os sentimentos de derrota trazidos à sua mente tentavam lhe convencer de que qualquer tentativa neste momento seria frustrada. Não havia mais esperança para ela. Todos tinham se esquecido dela; será que Deus também? Esse pensamento a angustiava, por isso Judá veio em seu socorro:

— Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do fruto do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu todavia, não me esquecerei de ti. Eis que nas palmas das minhas mãos te gravei; os teus muros estão continuamente perante mim... os que esperam em mim não serão envergonhados.

Eles andavam, ela via o grande relógio à sua frente, mas tinha a sensação de que não saía do lugar; ele parecia estar sempre longe. Nunca chegaria o tempo certo para Isabel? Ela podia ouvir o badalar dos sinos anunciando as horas. Começou a se lembrar de todos os momentos em que tentou uma mudança na sua vida, todavia, só trouxeram fraqueza e frustração, pois não conseguira o que almejava. Sua vida havia se transformado numa triste rotina, sem o fogo da esperança para mantê-la firme no seu propósito. As semanas e os meses se passavam, se transformando em anos. Ela não entendia nada dessas coisas. O que o Senhor estava tentando lhe dizer? Ela tinha dentro de si a fé, o amor, a paciência, a perseverança, a determinação... Então, o que faltava? O que pretendia dependia apenas dela ou de outras pessoas? Enquanto meditava nessas coisas, a mesma voz que falara na cruz e na sarça a incentivou:



— Há um tempo para todo propósito debaixo do céu; e o coração do sábio conhece o tempo e o modo. Tu tens conhecido o meu tempo em tua vida. Permanece debaixo da orientação do meu Espírito e todas as coisas se encaixarão perfeitamente trazendo a ti realização, libertação e vitória. Agindo eu, quem impedirá? Minha palavra já foi liberada. Quem, pois a fará voltar atrás? Dispõe-te e resplandece, pois a luz do Senhor

se vê sobre ti. As trevas cobrem a terra e a escuridão os povos, mas a glória do Senhor nasce sobre ti. É tempo de novos céus e nova terra.

— Quando, Senhor, já que tu tens a eternidade diante de ti e para ti mil anos são como um dia e um dia como mil anos?

Silêncio... Nem Judá se pronunciava.

A voz poderosa tornou a falar:

— Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos... tirarei a iniquidade desta terra num só dia.

Um vento começou a soprar ao seu redor e a levou para a base do grande relógio. Ele era muito alto e não parecia haver nem portas nem escadas por onde se pudesse atingir seu ápice. Ela via a terceira chave pendurada num dos ponteiros, mas como subir até lá para pegá-la?

— Judá! E agora, o que faço?

— Neste encontro não terá que pelear; tome posição, fique parada e veja o salvamento que o Senhor lhe dará, porque Ele está com você.

De repente os sinos começaram a tocar, uma vez, duas, três... Na sétima, a chave caiu nas mãos de Isabel e ela sentiu que o seu tempo tinha chegado. A confiança no Senhor não tinha sido frustrada. Agora, a terceira chave lhe pertencia. A propriedade que era sua por direito estava definitivamente em seu poder e nada mais poderia roubá-la.



— Judá! As três chaves estão aqui!

— Sim, você conseguiu.

— Agora me leve a conhecer a minha terra, por favor.

## *Restituição*





Eles chegaram e viram os muros ao redor da grande propriedade de Isabel. Judá lhe mostrou a porta e lhe disse:

— Dê uma volta com cada chave e a porta se abrirá.

Ela obedeceu e o que viu foi espantoso. Ao abrir a porta, um reino se descortinou diante dos seus olhos, não apenas uma simples porção de terra. Era tão espaçoso o lugar que numerosas casas poderiam ser construídas ali, inúmeras vidas poderiam ser abençoadas. Ela ouvia o barulho da catarata que descia das rochas se transformando num rio de águas muito límpidas. Jamais sentiria sede, nem sofreria a escassez do deserto. As árvores eram frutíferas, os campos de trigo exalavam o cheiro da prosperidade e da bênção do Senhor, e Sua presença naquele lugar lhe dava a aparência de um santuário.



Judá disse algo; então, ela fez uma grande descoberta: era a sua voz que lhe falava na cruz, na sarça e no relógio, quando conquistava cada uma das chaves. Ele era o *Leão da Tribo de Judá*, o Filho, que estava lhe dando o Seu reino, por isso o selo na escritura. O que Ele lhe dava jamais seria tirado dela, pois conseguira superar todas as provas. Agora tinha maturidade para entender as coisas profundas do céu e a sabedoria para administrar os seus tesouros. Ele disse:

— Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar... Bem-aventurados os olhos que vêem as coisas que vós vedes. Pois eu vos afirmo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvís e não ouviram... Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino...



*... “Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono”.*

*A fé e a esperança  
E a chave do amor  
Que abrem as portas  
Para a bênção do Senhor  
A fé e a esperança  
E a chave do amor  
Que abrem as portas  
Para a bênção do Senhor*

*Estão em nosso poder  
Estão em nosso ser  
Pra realizar apenas  
Teu querer  
Estão em nosso poder  
Estão em nosso ser  
Pra Te obedecer  
E vencer*

*Entregamos, dedicamos  
O nosso coração a Ti  
Prometemos, sujeitamos  
Toda a nossa alma a Ti*